

## Fernando Morais – as palavras nómadas

Entrevista conduzida por José António Afonso



O diálogo com Fernando Morais é um imperativo para que esta voz se abra nos íntimos ciclos existenciais que o fogo da sua escrita deixa transparecer, especialmente quando a permanente tensão entre o vivo e o viável remete o leitor para a dupla afirmação de uma vida extremamente singular. As questões que lançámos podem permitir que lentamente penetremos na sombra de um criador que caminha entre o luto e a alegria.

### **Muito da tua obra remete para um lugar – quase mítico –, o do nascimento. Fala-nos desta fixação pela origem.**

Dizem que nós somos conscientes da nossa individualidade a partir dos quatro anos de idade. E é dessa época que reconheço em mim a consciência de ser, embora a nível da memória me recorde de pequenas coisas dos meus três anos de idade...

Os meus primeiros planos de futuro são totalmente irrelevantes, pois tudo depende de como a pergunta é feita a uma criança e por quem...

O que queres ser quando fores grande? E lá ia respondendo como percebia o mundo à minha volta.

Ora o mundo à nossa volta era a Guerra Mundial, menos para mim, que nessa idade ela estava tão longe, tão distante, que a fome e outras carências, essas, sim, estavam ali presentes.

Mas encontrei uma revista com fotografias a preto e branco de aviões e tanques de guerra que me espantaram, e essa foi a minha primeira descoberta da guerra. A revista apanhei-a no Farrapeiro da rua de Afonso de Albuquerque.

Perguntei ao meu Pai se a guerra vinha para Portugal e ele suponho que me respondeu que não.

### **Como foi a tua infância e adolescência? Julgo ser de sublinhar que aqueles idos anos 40 e 50 marcam muito a luta pela autonomia de um jovem.**

As minhas brincadeiras de rapaz centravam-se no que via fazer aos mais velhos, os que já iam à escola com sete anos de idade. Os grandes a baterem nos pequenos!

A noção de injustiça! O mundo dos mais fortes contra os mais fracos. A noção de poder. Quem fazia mal ficava impune. E nunca o bem batia à nossa porta.

Depois na Escola Primária do Torne aprendi a perceber que nem todos éramos iguais. Os mais pobres levavam mais palmatoadas. E isso tornava-os rebeldes. Quanto mais lhes batiam mais exacerbavam a sua revolta. Eu era de um nível intermédio, daqueles que só eram castigados se fossem apanhados em flagrante. Assim comecei a saber fingir. Fazer asneiras sem ser visto! Enganar! Alguns anos mais tarde e reflectindo sobre o tempo da instrução primária, apareceu-me claramente a importância que a escola teve na minha formação; não só pelos colegas e professores, mas sobretudo a figura do reverendo António Fiador cujo espírito evangélico e sabedoria no trato com crianças foi determinante, pelo muito que em mim fez repercutir nos

valores que nos legou e que nos apetrechou para a vida de adultos.

Foi ele que iluminou as nossas consciências, apesar de me ter afastado da Igreja para seguir o meu próprio percurso, reconheço que o reverendo Fiandor nos deu a capacidade de discernir entre o bem e o mal, numa esfera do conhecimento a que os nossos familiares não podiam chegar.

Ele sempre esteve atento a todas as crianças da escola e aos que mais precisavam dos seus ensinamentos, e do seu exemplo beneficiaram ao longo da vida.

A seguir veio o trabalho. Aos dez anos fui trabalhar para o Porto num alfaiate. Era gente. Trazia ao fim da semana a fêria para entregar à minha Mãe. Já era alguém! Ajudava a família a subsistir num regime de fome e privações.

### **Nos anos 60 inicias um conjunto de colaborações na imprensa e que ainda hoje manténs com pujança. Gostaria que reflectisses sobre a sua importância e o porquê da longevidade. Neste percurso como surgiu o teu primeiro livro?**

Aos dezassete anos entro na Escola Secundária Passos Manuel junto ao rio Douro. Começava às 6 horas da tarde e saía de lá às 11 da noite, sem ter jantado. E nunca um professor nos perguntou como era a nossa vida... De entre todos os rapazes com quem convivi antes da Escola nenhum quis estudar à noite. Mas acabei por conseguir tirar o 5.º ano do curso de Pintura e Cerâmica. Foi no ano de 1957. Um ano depois estava na Praça da Liberdade, sem os meus pais saberem, a esperar o general Humberto Delgado, candidato da oposição. Vi o que jamais esquecerei. Um povo inteiro, na sua dignidade, fazendo história.

O meu caminho de regresso a casa mudou muito. Tinha encontros clandestinos com pessoas corajosas. Distribuía propaganda e perdi de vista antigos colegas que estranhavam o meu comportamento. Quando chegava o 1.º de Maio, via como os operários faziam frente à polícia, em pequenos grupos. Eram cenas que a cidade repercutia de boca em boca. Um dia

entrei num desses grupos e disse-lhes que poderíamos fazer as coisas bem mais organizadas, indo por ruas que tivessem várias saídas possíveis. Responderam que não estávamos em guerrilha urbana... Conhecia muita gente.

Uns jovens, outros já quarentões, professores, comerciantes, operários distintos, homens do povo de grande valor – como hoje já não há! Um deles, o Pinto, trabalhava numa tipografia importante, falei-lhe no Centro Ramalho Ortigão, onde se ministravam aulas gratuitas por professores voluntários e onde reinava a fraternidade. O Pinto levou um original para a tipografia e fizeram lá o meu primeiro livro de poemas surrealistas, *A Cidade Adversa*. Esse foi o mais triste dia da minha curta carreira literária, trazia uma gralha monstruosa logo na capa.

### **Julgo poder deduzir que este pequeno incidente não te inibiu a procura de burilar a palavra, que também, me parece, estar muito relacionada com uma auto-aprendizagem estética e artística. Como nasceu, digamos, a vocação de escrever?**

Passava o ano de 1963. Tinha ideias muito próprias sobre a cultura, sobre o jornalismo, e tinha passado um ano inteiro na Biblioteca Municipal do Porto lendo, entre outros, *A Criação do Mundo* de Miguel Torga. O livro «apanhou-me» por completo, em todas as fibras do meu ser!

Na biblioteca era muito conhecido, os empregados nem esperavam que eu preenchesse a requisição, iam logo buscá-lo e Torga revelou-se o meu mestre incontestado, num esplendor de palavras, ensinou-me o campo, ensinou-me as courelas, ensinou-me a montanha e a pastorícia.

Sentia-me arrepiado! Estremecia em cada página pela beleza grandiosa das imagens, dos sentimentos, das sensações. Era a língua portuguesa!

Foi lá que li o Nobre, Camões e Aquilino... Descobri a minha pátria, o meu futuro, o meu eu! Não sabia nada de política, mas daquilo... daquela literatura... isso sim! A grandeza dos povos está ali, naqueles livros, naquelas páginas.

Por isso é que fui o melhor na disciplina de Português no meu curso. Tive 20 valores, o que já não acontecia na escola há vinte anos, disse-me o director.

Eu tinha o dom da palavra, diziam, quando falava num café, no Cine-Clube, na Cooperativa do Povo Portuense era ouvido com atenção por todos. Viam em mim um líder que nunca fui. Cheio de preconceitos perante as raparigas, vítima duma educação familiar castradora e machista nunca aceitei postos de responsabilidade.

### **A descoberta dos universos da palavra passou também pela manifestação de posições cívicas e políticas denunciadoras de uma ordem totalitária?**

Só no Centro Ramalho Ortigão dirigido pelo grande homem que foi o Dr. Ferrão Moreira, tive um papel importante. Todas as portas se me abriam de par em par, mas nenhuma abriu para mim, era sempre para outros, para os meus amigos...

Eu era, em boa realidade, um moço de recados numa firma de artigos religiosos, pertença de oportunistas sem alma nem cultura. Trabalhei lá dezassete anos. E nunca me apercebi que era uma parte fundamental da minha vida. Tive tanta vergonha de carregar encomendas às costas para a estação da C. P. Nessa firma vendia-se «água de Fátima» que era da torneira do n.º 54 da rua de Elias Garcia e também «terra de Fátima» do quintal da mesma casa [onde morava, em Vila Nova de Gaia]. Foi uma parte impura da minha existência ter calado toda aquela vergonha, aquela comédia reles.

No dia 11 de Janeiro de 1966 a PIDE, polícia política do regime, às sete da manhã veio buscar-me... ainda dormia. Saí no último dia de Julho desse ano.

Finalmente arranquei a máscara que me cobria o rosto. Percebi tudo o que havia de torpe no género humano. Percebi que só a arte e a cultura seriam o meu sol e o meu percurso.

### **O exílio, como aconteceu? Descreve-nos esses tempos que já começaste a desvendar em *A Inscrição na Lápide*....**

Fugi para França quando a PIDE me ia prender de novo. Andei fugido pelo Sul do País durante três meses e sempre apoiado pelos irmãos de luta. Nunca um partido me deu um pão. Foram os meus companheiros que me apoiaram. Lealmente.

Em Paris trabalhei em fábricas de super produção. Novas experiências, novos fenómenos, como o Maio de 68. Quando cheguei a Paris já era pai de um bebé!

Voltei a Portugal no dia 10 de Março de 1975.

Destroçado por um drama íntimo... Um autómató, mais desprezível que um *clochard* de Paris. Então refiz junto do meu povo do Norte, as esperanças na Revolução, que foi feita não com votos, mas sim com armas na mão. E fui com novos companheiros para a frente de luta. Jornadas grandiosas. Estive na mesa de um comício no imenso Pavilhão Rosa Mota em frente de 9.000 pessoas que gritavam. Mas não era capaz de falar àquela malta toda! Disse-lhes só da minha esperança na fraternidade, da minha certeza do bem-estar social, um dia...

Os políticos viram no meu discurso o fracasso. Eu não servia para os gritos e os morras! Não conseguira entrar nesse sistema!

### **Como relevas a experiência da revista *Peregrinação*?**

Volto a Paris com uma única ideia: lutar pela cultura portuguesa, ver os meus filhos, agora já grandes. Pensava que era esse o meu combate. Entrei para a revista *Peregrinação* em Fevereiro de 1983. O livro *A Cidade Ocupada pela Poesia* ainda tenta enlaçar Portugal e Gaia. Sou distribuidor da revista para toda a França. E consigo um valioso grupo de assinantes e colaboradores, entre os quais, o grande Manuel Dias, homem das Associações Cívicas e Culturais dos Portugueses. Para a *Peregrinação* consegui adesões fundamentais como a pintora Vieira da Silva e companheiro Arpad Szenes, Gargaleiro, o Vasco Martins, os pintores do grupo de Paris, como Raul da Costa, Camelo, Manuel Rodrigues, André Shan Lima, Henri Albrun, Madalena de Sena, Raul Ferreira Rocha, João Carlos Rodrigues, Cisco, Celina da Silva, Bertino, Lídia Martinez, Saldanha da Gama, etc., e na escri-

ta, António Topa, Daniel Lacerda, Manuel da Conceição, Melo e Castro, Hélder Costa, e na música, Zeca Afonso, José Mário Branco, Tino Flores, Mara, o «Violas», Luís Cília, e o cineasta Manuel Madeira. Mara, a cantora espanhola, revolucionária, tinha um restaurante com o nome de moeda árabe, o Maravedi, na Rue de la Montaigne Sainte Geneviève, e era um local único no mundo. Aí ouvi pela primeira vez falar de *Jean* e de *Jerez* as terras de Mara nas suas canções que a sua guitarra maravilhosa acompanhava. Ouvi falar de Miguel Hernandez, de Pablo Neruda e de meu irmão assassinado Garcia Lorca. Foi no tempo em que visitei o Mota de Amsterdam e o Patriarca, emigrante português no Luxemburgo.

Foi no tempo da Raymonde do Comité de Desertores, da Perfumaria Grey com o seu senhor Campeão, sentado nos seus cem quilos, no caixa a guardar o dinheiro dos Japoneses. Foi o tempo da «misse Paris» com o Ângelo, e depois o Artur na motorizada a fazer entregas de colchões ao domicílio. Foi o tempo do Bitan Tapis, um árabe rico e judeu onde trabalhei nas alcatifas. Ali mesmo ao lado das Galerias Lafayette. E havia uma música no ar. E era feliz.

Até que um dia regresssei de novo a Portugal. Para trabalhar a tempo inteiro na *Peregrinação*. O projecto durou sete anos e chegamos a ter uma sede junto ao castelo de S. Jorge, que por interesses estranhos não se consolidou. José David Rosa o «pai» da revista adoeceu vindo a falecer na Suíça. Quase uma vida de trabalho para a sua revista e com ele, ela acabou. Ficaram todas estas amizades que ninguém extingue. José David Rosa teve um papel muito importante nessa fase da minha vida.

O fôlego de uma vida está indelevelmente ancorado na amizade, no amor. Quem te apoia nas odisséias do labutar pela dignidade?

O David ainda conheceu a mulher que acabei por descobrir – a Angelina. Inteligente, meiga, tímida e lutadora, é a inspiradora dos meus livros posteriores.

Quase todos eles têm a sua marca. O seu amor. Com ela aprendi a ser feliz com poucas posses. Aprendo o equilíbrio dos dias, a viver nas asas da cultura que se quer simples, concre-

ta, real, humanizadora. A ponto de surpreender os estetas distraídos.

## **E agora, Fernando?**

Tenho um projecto. Publicar um livro com traduções e estudos sobre Rimbaud. Já está feito há quatro anos. Preciso arranjar um editor e mesmo para isso é necessário que o amigo Anthero Monteiro lhe faça o prefácio... conforme prometido.

Fernando Morais nasceu em Mafamude, em Fevereiro de 1935. Frequentou a Escola do Torne e completou o curso de Pintura Cerâmica na extinta Escola Passos Manuel também em Vila Nova de Gaia. Homem de mil ofícios. pintor e escritor. Foi administrador do jornal *O meu Amigo*, do Centro Ramalho Ortigão e um dos principais dinamizadores da revista *Peregrinação*. Desde muito novo colaborou assiduamente na imprensa nacional, como seja na «Página de Poesia» do *Jornal de Notícias*, na «Secção de Cinema: Bastidores» do jornal *República* ou no «Suplemento Juvenil» do *Diário de Lisboa*, e na regional e local. É autor de catorze livros de poesia – *A Cidade Adversa* (1963); *A Cidade Ocupada pela Poesia* (1983); *O Poeta Escondido* (1998); *Voltar a Gaia* (2000); *As Ruas da Comuna* (2001); *Não o Deixeis Cair no Olvido* (s/d); *Um Estalo na Modorra* (2003); *História Local de Portugal* (2004); *Conversando com Rimbaud* (2005); *Índex Poesia* (s/d); *Rótulos* (2006); *O Poema do Outro Lado* (2006); *Um Pedacinho de Amor* (2007), e *Quadrar (apontamentos do quotidiano)* (2007) – e uma novela, *A Inscrição na Lápide* (s/d).

Lugar do Torne. Agosto de 2007.

**Nota da redacção: Fernando António de Almeida Morais, o Poeta (como era conhecido), faleceu em Vila Nova de Gaia a 24 de janeiro de 2020. Tendo sido sócio dos Amigos do Solar Condes de Resende – Confraria Queirosiana, tem colaboração na Revista de Portugal n.ºs 1 a 4.**